



**CIÊNCIA NO PAÍS: EXISTE FUTURO?
REFLEXÕES A PARTIR DO FÓRUM PERMANENTE DE ASSOCIAÇÕES
CIENTÍFICAS AFILIADAS À SBPC**

Nos dias 10 e 11 de março de 2020, realizou-se a Reunião do Fórum Permanente de Associações Científicas afiliadas à SBPC, em São Paulo. O CBCE esteve representado pelo Prof. Dr. Vicente Molina Neto (presidente), pela profa. Larissa Lara (diretora-científica) e pelo prof. Alan Queiroz Costa (representando a Direção de Comunicação). A pauta da reunião, no dia 10, orientou-se pelo debate acerca da Comunicação das Sociedades Científicas Afiliadas à SBPC. No dia 11, no período da manhã, a pauta orientou-se pela apresentação da situação atual de CNPq e CAPES por seus presidentes, respectivamente, pelo Dr. João Luiz Filgueiras de Azevedo e pelo Dr. Benedito Guimaraes Aguiar Neto, bem como pelo Diretor da FINEP, André Luiz de Godoy. No período da tarde, o foco esteve na avaliação da atuação conjunta da SBPC, em 2019, e no planejamento para 2020; nas ações junto aos poderes executivo, legislativo e judiciário; na reunião programada com o Ministro Marcos Pontes; na 72ª Reunião Anual da SBPC; na alteração estatutária.

No dia 10, a reunião foi denominada como II Encontro de Comunicação das Sociedades Científicas Afiliadas à SBPC – Estratégia e Relacionamento, e teve como objetivos ampliar a rede, conhecer pessoas, engajar entidades e colocar em prática propostas e possibilidades de trabalhos alinhados e consistentes entre as entidades. A reunião iniciou-se com a apresentação geral da vice-presidente da SBPC, Dra. Fernanda Sobral. Em seguida, Daniela Klebis, Coordenadora de Comunicação da SBPC, apresentou as atividades e meios de comunicação da SBPC, retomando pontos debatidos no I Encontro de Comunicação das Sociedades Científicas Afiliadas à SBPC. Entre os temas da reunião, destacaram-se: a solicitação de engajamento das sociedades afiliadas à SBPC para o 1º Prêmio Carolina Bori Ciência e Mulher; o acompanhamento e divulgação da TV SBPC no YouTube (@SBPCnet) – canal aberto para receber vídeos e contribuições de todas as entidades; a necessidade de seguir com os manifestos e campanhas que a SBPC tem publicado e replicado de todas as afiliadas; e o destaque para as mídias sociais da SBPC, que têm 230 mil seguidores, com possibilidade de ampliação desse quadro com o apoio das afiliadas. Como síntese da reunião desse dia, estabeleceu-se que os trabalhos de comunicação devem se voltar para duas frentes principais: 1) promover a divulgação científica como objetivo comum de todas as entidades afiliadas; e 2) potencializar possibilidades de colaboração e apoio entre as entidades no compartilhamento e produção de conteúdo.

Na reunião realizada no dia 11, pela manhã, evidenciou-se, nas falas dos presidentes de CNPq e CAPES, assim como na fala do Diretor da FINEP, a drástica redução de recursos destinados à pesquisa no país (2020 tem o menor orçamento da última década) e o que esses órgãos de pesquisa e a agência financiadora vêm fazendo para custear o mínimo necessário. Foram apresentadas a estrutura organizacional desses órgãos e da financiadora, as ações realizadas em parcerias, alguns editais abertos e outros a serem lançados (a exemplo do edital ligado a pesquisas em coronavírus), alternativas para angariar novos recursos e a necessidade de estabelecer “áreas estratégicas”. Contudo, em nenhum momento esses representantes

mostraram propostas de reversão do quadro atual de contingenciamento, desinvestimento e parca compreensão, por parte do governo federal, do papel essencial desempenhado pela ciência brasileira. Pelo contrário! Notou-se o afinamento com o governo, sobretudo em falas de enaltecimento ao empenho do Ministro da Educação no tocante à liberação de recursos, as quais foram e são completamente inaceitáveis pela comunidade científica desse país.

Para o presidente da CAPES, “precisamos estabelecer áreas estratégicas” para buscar a identidade dos Programas de Pós-graduação. Mas, quem delimitaria o que são ou não áreas estratégicas? Seria o governo? Poderiam compor as áreas estratégicas temas em ciências humanas e sociais, relacionados à melhoria das condições de vida da população pobre, a indígenas, quilombolas, ribeirinhas, comunidade LGBTQ+? Como buscar identidade nos Programas de Pós-Graduação se essa identidade é comprometida pela delimitação de áreas estratégicas que passariam a ser definidas pelo governo? Certamente, a política governamental atual, ideológica, excludente, deficitária, não elegeria como áreas estratégicas temas voltados a essas populações.

Aberrante, ainda, foi o anúncio, pelo presidente da CAPES, de como pretende lidar com os poucos recursos que compõem esse órgão. Para ele, a “meritocracia é a base” e, portanto, ela deve ser valorizada para correção de assimetrias. Ora, como associar meritocracia a formas de minimizar assimetrias? A meritocracia desmerece as condições históricas e contextuais de cada Programa de Pós-graduação, além de desconsiderar áreas vulneráveis e programas em regiões carentes que precisam de um aporte diferenciado, acentuando desigualdades, competição e ranqueamento.

Na reunião, no período da tarde, os presidentes e presidentas das sociedades científicas apresentaram suas questões e encaminhamentos de sugestões de pautas para serem discutidas em audiência com o ministro de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. A grande maioria apresentou sua insatisfação com a participação dos representantes das agências e a insuficiência argumentativa para propor metas viáveis para a comunidade científica trabalhar e financiar seus trabalhos. Os presidentes do CNPq e da CAPES apresentaram recursos orçamentários estagnados a uma demanda por recursos maior que a dos anos anteriores. Contudo, as críticas se concentraram mais na apresentação patética e nos argumentos do presidente da CAPES, que foi confuso e sem uma linha coerente de argumentação.

O CBCE avaliou como positiva as ações da SBPC, em 2019, na busca de recursos para o financiamento da ciência e tecnologia. Pontuou certa diferença em micropolíticas de cada entidade presente e na macropolítica desenvolvida pela SBPC junto às agências de fomento e ao Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Em complemento, afirmou que nem só com recursos se desenvolve ciência, tecnologia e inovação, mas também com atitudes e discurso proativo em defesa da ciência, como, por exemplo, sair em defesa de pesquisadores que estão sendo atacados por discursos governamentais e por ajuntamentos, como o Escola sem Partido que recentemente, agrediu um professor da USP.

A pauta de discussão com o Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações foi definida nessa reunião e, nos próximos dias, ela será amplamente divulgada nos canais de comunicação da SBPC.

Por fim, gostaríamos de convidar associados e associadas ao CBCE à leitura do Jornal da Ciência, ano XXXIV, n.787, de dez. 2019/jan.2020 (entregue na referida reunião), que traz como título “Existe futuro?”. O Editorial, escrito por Ildeu de Castro Moreira (presidente da SBPC) e por Fernanda Sobral (vice-presidente), respondem: “O futuro existe se estivermos juntos no presente”. Eles destacam o consolidado Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia, a criação da Iniciativa para a Ciência e Tecnologia no Parlamento (ICTP.br), bem como outras ações realizadas em defesa da ciência brasileira. Entendem que “[...] a base científica e tecnológica conquistada ao longo de décadas nos faz pensar que temos futuro para a ciência brasileira, sim, mas a crise atual da CT&I pode inviabilizar essa esperança”.

O CBCE convida a comunidade científica, seus associados e associadas, para estarem “juntos no presente”, de modo que possamos lutar pelo futuro da ciência, da educação física e das ciências do esporte.

Maringá, 13 de março de 2020.

Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE)